

COMUNICAR-SE DE OUTRA MANEIRA: A ESCRITA (AUTO)BIOGRÁFICA EM CONTEXTOS DE PESQUISA¹

Communicating in another way: (auto)biographical writing in research contexts

Comunicar de otra manera: la escritura (auto)biográfica en contextos de investigación

José González-Monteagudo²
Mario León-Sánchez³
Ángela Martín-Gutiérrez⁴

Resumo

Este artigo discute a escrita em abordagens qualitativas e as implicações da crise da representação etnográfica para o desenvolvimento de novos estilos de fazer pesquisa e intervenção. Revisa publicações que apresentam estilos inovadores de pesquisa e intervenção com abordagens etnográficas e (auto)biográficas a fim de: refletir sobre discurso, retórica e voz; promover uma escrita mais crítica em abordagens etnográficas e biográficas; aplicar essas discussões em contextos migrantes e inclusivos.

Palavras-chave: Escrita de pesquisa, comunicação social, migração, etnografia pós-moderna, abordagens (auto)biográficas.

Abstract

This paper discusses writing in qualitative approaches and implications of the crisis of ethnographic representation for the development of new styles of research and intervention. Publications that present innovative styles of research and intervention with ethnographic and (auto)biographical approaches are reviewed to: reflect on discourse, rhetoric and voice; promote more critical writing in ethnographic and biographical approaches; apply these discussions in migrant and inclusive contexts.

Keywords: Research writing, social communication, migrations, postmodern ethnography, (auto)biographical approaches.

Resumen

Este artículo discute la escritura en los enfoques cualitativos y las implicaciones de la crisis de la representación etnográfica para el desarrollo de nuevos estilos de investigación/intervención. Se revisan publicaciones innovadoras de investigación e intervención con enfoques etnográficos y (auto)biográficos para: reflexionar sobre el discurso, la retórica y la voz; promover una escritura más crítica en enfoques etnobiográficos; aplicar estas discusiones en contextos migratorios e inclusivos.

Palabras clave: Escritura de investigación, comunicación social, migraciones, etnografía postmoderna, enfoques (auto)biográficos.

¹ Este artigo é baseado em parte na seguinte publicação: González-Monteagudo, J., León-Sánchez, M., Martín-Gutiérrez, A. (2021). La escritura en la investigación e intervención en contextos de diversidad intercultural. Una perspectiva inclusiva. En R. Grana (Coord.) (2021). Discursos, mujeres y artes. ¿Construyendo o derribando fronteras? Madrid: Dykinson, 185-202, publicada em língua espanhola.

² Doutor; Universidade de Sevilha (Professor Titular), Sevilha, Espanha. monteagu@us.es | <https://orcid.org/0000-0002-3094-8092>

³ Mestre e doutorando; Universidade de Sevilha (Bolsista de doutorado), Sevilha, Espanha. marioleon95@hotmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-2649-944X>

⁴ Doutora; Universidade de Sevilha (Professora substituta interina), Sevilha; Universidade Internacional de la Rioja/UNIR (Professora contratada doutora), La Rioja, Espanha. amartin9@us.es; angela.martin@unir.net | <https://orcid.org/0000-0001-9847-245X>

1. Introdução, objetivos e metodologia

Este artigo é tanto uma revisão do estado da arte quanto uma reflexão sobre como aplicar a discussão aos métodos (auto)biográficos, com um foco especial nos contextos da migração e da diversidade cultural. Estabelecemos três objetivos principais. O primeiro objetivo se concentra na crítica da escrita nos paradigmas objetivistas, na crise de representação e no giro linguístico e literário nas ciências sociais, com um enfoque específico na etnografia e nas abordagens (auto)biográficas. Em segundo lugar, a dimensão subjetiva da escrita em contextos de pesquisa e intervenção com populações imigrantes é explorada, prestando atenção aos conceitos de identidade, voz e audiência. Finalmente, são discutidas as implicações dessas novas correntes para promover estilos mais inclusivos e dialógicos de pesquisa e intervenção, com o objetivo de desenvolver boas práticas de colaboração entre grupos de imigrantes e pesquisadores, formadores, mediadores, assistentes sociais e outros profissionais.

Este trabalho é enquadrado dentro das correntes hermenêuticas, pós-estruturalistas, feministas e pós-modernas que contribuíram nos últimos 30 anos para elevar a autoconsciência da função de representação e do texto escrito. Um trabalho antropológico pioneiro sobre esta questão foi publicado por Clifford Geertz em 1988, e por James Clifford e George Marcus em 1986 (GEERTZ, 1989; CLIFFORD e MARCUS, 1991). Como disse Van Manen, precisamos de uma exploração profunda da epistemologia e pedagogia da escrita (VAN MANEN, 1990, cap. 5). Queremos deixar claro que rejeitamos abordagens realistas e neo-realistas nas ciências sociais, mas também a tendência oposta, que consiste em uma perspectiva textualista radical e exclusiva. Portanto, pensamos que o mundo social tem um significado que transcende sua inscrição, transcrição ou descrição textual. "O mundo social não se limita aos textos que pretendem descrevê-lo, e os dois não devem ser confundidos.... Foi errado celebrar a ciência

e ignorar a retórica. É igualmente errado reverter a ênfase" (ATKINSON, 1992, p. 51-52). Procuramos transcender a visão do pesquisador como um "cartógrafo de dominação", de acordo com o discurso arrogante e autoritário da ciência social convencional, mas também procuramos ir além do papel do pesquisador como um "cosmógrafo do cansaço", que é a imagem transmitida pelo discurso radical pós-modernista do hipertextualismo (RICHARDSON, 1990, p. 64). A busca deste meio termo constitui uma das características centrais de nossa reflexão.

2. Desde o objetivismo até a crise de representação

De um ponto de vista objetivista e positivista, a escrita nada mais é do que um instrumento neutro e impessoal utilizado para apresentar ou expor os resultados e conclusões da pesquisa. Neste domínio, a escrita não é um problema. A linguagem "representa" a realidade. O empirismo lógico demonstrou um forte interesse na linguagem e no esclarecimento linguístico. Neste contexto, a ciência tem sido entendida como uma linguagem rigorosa, um sistema de proposições empíricas verdadeiras. O positivismo teve um impacto decisivo na pesquisa social. Uma das tentativas mais radicais de incluir o domínio social humano no projeto Ciência Unificada foi feita por Neurath (1932) em seu artigo "Sociologia no Físismo". Ele argumenta que todas as ciências particulares, e até mesmo a própria filosofia, estão agrupadas em ciência unificada através do fisicalismo, já que, no momento atual, o sistema espaço-temporal correspondente à física é o sistema mais adequado para fazer previsões seguras. Assim, o modelo físico é o modelo a ser aplicado a todas as outras ciências. O Fisicalismo fornece uma linguagem unificada para a ciência, intersensual (comum a todos os sentidos) e intersubjetiva (comum a todas as consciências).

Neurath considera a sociologia como uma parte de uma ciência unificada e se opõe à tentativa metafísica de distinguir entre "ciência natural" e "ciência espiritual", como se houvesse "essências" por trás dos "fatos". Segundo Neurath, ao falar das ciências sociais, deve-se incluir não apenas a teoria das sociedades humanas, mas também a teoria das sociedades animais, pois nesta distinção há apenas um resíduo da teologia (RUBIO CARRACEDO, 1984, p. 118-122). Uma perspectiva semelhante, embora mais aberta à crítica, está presente nas perspectivas pós-positivistas de Popper e outros autores, com base em uma representação falível da realidade.

Com a chamada crise de representação - fomentada pelas abordagens pós-estruturalista, pós-modernista, feminista e desconstrucionista - a escrita acadêmica e de pesquisa tornou-se uma questão importante. G. Marcus e M. Fischer cunharam o termo "para se referir especificamente à incerteza dentro das ciências humanas sobre os meios apropriados de descrever a realidade social" (SCHWANDT, 2001, p. 41). Nas últimas duas décadas do século XX, houve contribuições importantes para caracterizar esta crise e oferecer caminhos alternativos: em Sociologia, contribuições relevantes vêm de Laurel Richardson, Susan Krieger, Norman Denzin, Paul Atkinson e Kenneth Plummer; em Antropologia, deve-se mencionar Clifford Geertz, George Marcus, James Clifford, Harry Wolcott e François Laplantine (RICHARDSON, 1990, 2000; DENZIN, 1989a, 1989b; ATKINSON, 1990, 1992; PLUMMER, 2001; GEERTZ, 1989; CLIFFORD & MARCUS, 1991; WOLCOTT, 1990; LAPLANTINE, 1996).

Esta nova sensibilidade intelectual compartilha as principais características da perspectiva pós-moderna: "... um questionamento radical da certeza e autoridade do texto acadêmico; uma rejeição da busca da 'verdade' e da razão como absolutos; uma negação da distância intelectual e moral entre o acadêmico e seus 'sujeitos' humanos; uma suspeita das

narrativas 'grandiosas' da teoria totalizadora (histórica, marxista, sociológica)" (ATKINSON, 1992, p. 38). Entretanto, propomos não esquecer a relevância da ideologia e do poder como forças significativas que condicionam a ação pessoal e social. Como um trabalho da época, fortemente influenciado por Foucault e Bourdieu, indica "... este sujeito ativo no controle de si mesmo é ao mesmo tempo condicionado e subjetivizado dentro de uma rede de poder pastoral" (USHER, BRYANT & JOHNSTON, 1997, p. 115).

Tradicionalmente, a pesquisa qualitativa tem mostrado um forte interesse pela escritura, mas principalmente em relação aos aspectos convencionais, formais e processuais da redação de relatórios, "... seguindo um formato específico: declaração do problema, estrutura conceitual, questões de pesquisa, metodologia, análise de dados, conclusões e discussão. Estes formatos são muito esquemáticos e restritivos" (MILES E HUBERMAN, 1994, p. 298). De fato, tanto nas abordagens qualitativas convencionais como nas *modernistas* "... o exercício é simplesmente apresentar, não escrever, 'os resultados'" (PLUMMER, 2001, p. 169).

A linguagem está sempre relacionada a uma retórica de representação. Em outras palavras, linguagem e escrita estão ligadas ao poder, ideologia, história, sociedade, cultura, gênero e identidade. A linguagem e a escrita não são ferramentas imparciais na pesquisa social (para uma visão geral, ver COFFEY, 1999; SCHWANDT, 2001; RICHARDSON, 2001). Seguindo Derrida, é verdade que "uma revelação de práticas narrativas é sempre uma revelação de formas de poder" (RICHARDSON 1990, p. 12). Campos como teoria, pesquisa básica e aplicada, ensino e produção de conhecimento são atividades que são atravessadas por dimensões morais e políticas, assim como espaços de exploração e luta (RICHARDSON, 1990, p. 63; 2000, p. 929). Além disso, a escrita é uma atividade reflexiva que engaja nosso ser físico, mental, emocional e social.

3. Escrita de pesquisa: eu, voz e audiência. Inovações e alternativas

“A escrita é o segredo obscuro das ciências sociais” (PLUMMER, 2001, p. 168). A escrita é mais do que uma ferramenta impessoal para comunicar algo. A escrita é um *método de pesquisa* (RICHARDSON, 2001) e uma forma de revelar e privilegiar o eu. Nesta perspectiva, os métodos etnográficos e biográficos estão mais próximos do que é reconhecido com frequência. Já há três décadas, Norman Denzin identificou seis questões levantadas sobre etnografia:

(1) como as estruturas teóricas estruturam a investigação; (2) como as convenções determinam a narrativa e a forma escrita da etnografia; (3) como as experiências do sujeito são escritas; (4) se a objetividade é possível; (5) como o gênero molda a experiência de campo; e (6) como devemos ler etnografias uma vez escritas. (DENZIN, 1989, p. 177).

O *giro literário*, promovida por C. Geertz, J. Bruner e outros, ampliou as formas pelas quais alguns autores conceitualizaram textos etnográficos e enfatizaram a importância das características da escrita de pesquisa, concentrando-se em três fases: a coleta de informações, a construção do texto e a leitura de textos por diferentes públicos (COFFEY, 1999, 119). Como Clifford e Marcus (citado em PLUMMER, 2001, p. 171) apontam, a escrita etnográfica é contextualizada, retórica, institucional, genérica, política e historicamente determinada. Nestas novas abordagens, há um forte questionamento da autoria tradicional e a visão do autor como tendo uma visão ou compreensão superior. Particularmente relevante para esta tarefa foi a publicação de 1986 da *Writing Culture*, editada por Clifford e Marcus (1991), que incorpora visões poéticas e políticas da teoria etnográfica e do trabalho de campo.

A pesquisa e a epistemologia feminista foram muito influentes em relação a uma nova consciência da dimensão política, de gênero e emocional da escrita e da representação (ver: REINHARZ, 1992; BURMAN, 1994; OLESEN, 2000; sobre feminismo e etnografia, ver COFFEY, 1999, p. 10-13; sobre gênero e aprendizagem ao longo da vida, ver DYBBROE & OLLAGNIER, 2003). O feminismo insiste na subjetividade e na experiência pessoal. Reinharz lembra que "muitas feministas têm escrito que 'encontrar a própria voz' é um processo crucial de pesquisa e escrita" (REINHARZ, 1992, p. 16). O empirismo feminista, as epistemologias feministas e o pós-modernismo feminista contribuíram para uma nova visão sobre conhecimento e identidade (SCHWANDT, 2001, p. 92-93).

As questões relativas ao eu e à identidade do sujeito têm sido rotineiramente obscurecidas na etnografia e até mesmo na pesquisa (auto)biográfica. No trabalho de campo, o pesquisador constrói e reconstrói sua identidade própria, pessoal e profissional. Entretanto, como afirma um sociólogo inovador, "a ciência social se baseia em minimizar o eu, tratando-o como um contaminante, transcendendo-o, negando-o, protegendo sua vulnerabilidade... pintamos quadros nos quais esperamos não existir; ou se existimos, somos subordinados ou quase invisíveis" (KRIEGER citado em PLUMMER, 2001, p.181). Há algumas posições gerais nos relatórios qualitativos, que passam pelos propósitos e identidades do pesquisador. Miles e Huberman (1994) listam as seguintes perspectivas: estética, científica, moral e ativista. Os escritores buscam novas maneiras de envolver o leitor em uma conversa simbólica. Uma maneira de "... estabelecer e afirmar o eu do pesquisador é falar como pessoa à pessoa do leitor" (HOLLIDAY, 2002, p. 136).

Nos últimos anos, os debates sobre gênero, voz, assinatura, autoria, autoridade narrativa e audiência se expandiram consideravelmente. Clifford Geertz distingue entre assinatura e voz,

aplicando esta estrutura conceitual a quatro antropólogos relevantes. A assinatura está relacionada à construção da identidade textual; é a forma pela qual a função do autor é evidenciada no texto. O discurso, por outro lado, envolve o desenvolvimento de uma forma específica de formular eventos em termos de vocabulário, retórica e padrão de trama (GEERTZ, 1989, 11-34).

A busca de uma voz subjetiva e engajada na escrita acadêmica é uma luta intelectual e emocional. Uma estudiosa feminista pergunta: "Como nos comunicamos em termos que envolvam e intervenham em gêneros acadêmicos sem fragmentar, objetivar ou desestruturar as experiências das mulheres" (BURMAN, 1994, p. 131). Nod Miller e Linden West fazem perguntas semelhantes no início de um trabalho dialógico produzido através da comunicação eletrônica: "Como escrever sobre a experiência pessoal em um contexto acadêmico sem ficar atolado no jargão acadêmico; como evitar a pretensão e o narcisismo; como lidar com o que é difícil de capturar em linguagem" (MILLER & WEST, 2003).

Os relatórios e outros tipos de redação acadêmica e de pesquisa visam alcançar efeitos específicos sobre públicos selecionados e variados. "Para quem escrevemos? O público importa, porque começa a moldar a forma como escrevemos" (PLUMMER, 2001, p. 174). O leitor é um co-analista, experimentando o ambiente original de pesquisa vicariamente (ERICKSON citado em MILES & HUBERMAN, 1994, p. 299). O público potencial ou leitores de escritos de pesquisa são: os entrevistados; colegas do mesmo campo; leitores orientados para a ação, tais como formuladores de políticas, operadores de programas, funcionários, profissionais, líderes comunitários e outros profissionais; bancas de avaliação de dissertações de mestrado e teses doutorais; financiadores de pesquisa; leitores gerais e de massa (YIN, 1984, p. 122-123; MILES & HUBERMAN, 1994, p. 300; MARCUS & CUSHMAN, 1996, p. 197-

199). Dependendo da orientação do leitor, é possível distinguir cinco tipos de leitores, que podem ser motivados principalmente por uma destas cinco dimensões: a abordagem ou o ponto de vista tomado, o conteúdo e a informação, a história e a narrativa veiculada, a atmosfera e o significado (KENYON & RANDALL, 1997, p. 128-134). A leitura está relacionada à escrita; os dois processos não são separáveis. Precisamos pensar mais sobre os efeitos da escrita sobre os leitores e como o leitor muda como resultado da atividade de escrever. Parece correto pensar que "contar histórias é terapêutico não só para o contador de histórias, mas também para o público" (ATKINSON & SILVERMAN citado em COFFEY, 1999, p. 117).

Quanto ao nível de divulgação e uso da pesquisa, Miles e Huberman (1994, p. 305) indicam estas possibilidades: consciência, recepção da mensagem básica, compreensão, aceitação, decisão de adotar, uso/implementação, integração. Também é relevante comentar as diferentes atitudes do pesquisador em referência ao seu papel em relação aos participantes. Segundo R. Brown (citado em PLUMMER, 2001, p. 181), existem "três posições que o autor assume em relação ao assunto: como superior, como igual e como inferior".

Nas últimas décadas, novas estratégias e gêneros de escrita surgiram na pesquisa etnográfica, prestando mais atenção a eventos sensíveis e experiências emocionais (COFFEY, 1999, p. 152): autoetnografia, drama etnográfico, poesia etnográfica, ficção etnográfica (para uma visão geral ver ELLIS & BOCHNER, 2000; BRADY, 2000). Richardson (2000) oferece algumas dicas para desenvolver uma etnografia experimental ou alternativa, sob o nome de *etnografia de prática analítica criativa*, tais como (a) entrar ou iniciar um grupo de redação; (b) trabalhar com um guia de redação criativa; (c) inscrever-se em uma oficina ou aula de redação criativa; (d) manter um diário; (e) escrever uma autobiografia; (f) transformando dados de campo ou transcrições de entrevistas em drama ou performance poética; (g) experimentando

narrativas do eu; (h) tentando escrever um texto usando diferentes tipos de letra, tamanhos de fonte e colocações textuais; escrevendo seus dados de três maneiras diferentes (relato narrativo, performance poética, drama); (i) praticando escrita colaborativa; (j) trabalhando a memória (RICHARDSON, 2000). Plummer (2001, p. 199-201) também menciona um uso mais amplo de fotografias, vídeos e novas tecnologias.

Alguns autores refletiram sobre as dificuldades de escrita experimentadas pelos adultos em ambientes educacionais, mas na realidade esta é uma questão transversal, afetando profissionais, técnicos e voluntários que trabalham na área social. "Educadores que trabalham ou ensinam com adultos têm dificuldade em escrever..., muitas vezes se recusam a escrever sobre suas diversas e múltiplas experiências.... [e]... tendem a desqualificar sua capacidade de escrever e a encontrar desculpas para não fazê-lo" (DOMINICÉ, 2000, p. 137). Portanto, precisamos de mais ensino sobre escrita, mais atividades para fomentar uma atitude positiva em relação à escrita pessoal e profissional na formação de profissionais do setor social e educacional, na aprendizagem profissional, em espaços de trabalho cotidiano e no aprendizado da pesquisa, incluindo programas de mestrado e doutorado.

Altrichter, a partir de uma abordagem de pesquisa de ação, sugere diferentes atividades para ajudar a escrever em ambientes comunitários, na educação de adultos e no treinamento de professores, misturando trabalho individual, em duplas e em grupo (ALTRICHTER, 1993, p. 193-194). Para estudantes e escritores novatos, "o gênero de escrita acadêmica comporta-se como uma porta de entrada pela qual devem passar para poderem ser membros e depois participar criativamente dentro da comunidade [acadêmica]..." (HOLLIDAY, 2002, p. 132).

Entre as características do 'ofício' na pesquisa pós-qualitativa, Lincoln e Guba (citado por MILES e HUBERMAN, 1994, p. 306) mencionam poder e elegância, criatividade, qualidade

de abertura, independência, coragem, engajamento emocional e intelectual, e igualitarismo. Os estilos de escrita nos relatórios de pesquisa se tornaram mais abertos e complexos. Diferentes gêneros definem diferentes formas de escrita e leitura em contextos acadêmicos e de pesquisa. Assim, Van Maanen (citado em DENZIN, 1989, p. 177-178; MILES & HUBERMAN, 1994, p. 300) identificou diferentes estruturas textuais, que funcionam como *narrativas do campo*: românticas, realistas, poéticas, factuais, analíticas, satíricas, jornalísticas, existenciais.

Relatos realistas... oferecem um retrato direto e realista de uma cultura em estudo, sem muita preocupação de como o campo produziu esse retrato.... Os relatos confessionais se concentram muito mais no trabalho de campo do que nas culturas estudadas.... Os relatos impressionistas são relatos personalizados de momentos fugazes de trabalho de campo, apresentados de forma dramática; eles contêm, portanto, elementos tanto de escrita realista como confessional (J. VAN MAANEN, citado em ELY, 1991, p. 171).

Trabalhando de uma perspectiva de estudo de caso, Yin (1984, 126-135) combina três diferentes objetivos de estudos de caso (exploratório, descritivo, explicativo) com seis diferentes estruturas de redação de relatórios: linear-analítico, comparativo, cronológico, teórico, "suspense" e não sequencial. Esta estrutura permite uma compreensão mais complexa das funções pragmáticas dos relatórios de pesquisa.

Por outro lado, existe a necessidade de ampliar o público para a pesquisa qualitativa, criando textos mais abertos e democráticos. Em muitos círculos acadêmicos, a obscuridade tem precedência sobre a clareza. A popularização e a democratização da ciência social seria uma coisa boa, mesmo que seja interpretada como um produto de "sem cérebro" e de "jornalistas" sem suficiente "sofisticação teórica". Na Inglaterra, e também em muitos outros países, as estratégias para a avaliação da qualidade da pesquisa não levam em conta os

resultados acadêmicos, tais como livros didáticos, ciência popular etc. (PLUMMER, 2001, p. 174-176). Os trabalhos acadêmicos são importantes, mas não exclusivos. Precisamos, diz o sociólogo Laurel Richardson, dar mais atenção às estratégias e formas de escrita para circulação em massa e escrita de livros comerciais (RICHARDSON, 1990).

4. Conclusões: escrita (auto)biográfica em contextos de pesquisa e intervenção colaborativa com as comunidades imigrantes

Em 1992, Paul Atkinson escreveu: "O mapeamento de gêneros e tradições neste campo [antropologia cultural] está subdesenvolvido. Houve alguns avanços no discurso antropológico; o domínio sociológico permanece em grande parte inexplorado" (ATKINSON, 1992, p. 30). Três décadas depois, estamos inclinados a pensar que precisamos em abordagens (auto)biográficas de mais interesse em diferentes gêneros, vozes e públicos. Como Norman Denzin assinalou, a biografia e a (auto)biografia são sempre uma construção complexa. A biografia e a autobiografia não são processos naturais, transparentes e óbvios (DENZIN, 1989). Em nossa opinião, o discurso etnográfico pode ajudar a formular novas ideias, novos desafios, novas perspectivas na pesquisa (auto)biográfica e no ensino.

Como escreve Coffey (1999, p. 133), "... há conexões significativas a serem feitas entre etnografia e prática (auto)biográfica". No início de nosso trabalho, indicamos que procuramos transcender os dois discursos extremos das ciências sociais: a cartografia da dominação e a cosmografia do cansaço, nas palavras de L. Richardson. Neste sentido, a etnografia biográfica, ou bio/etno/grafia, pode ajudar a abrir um meio termo frutífero, "entre a superdeterminação de algumas variedades da teoria da socialização e o extremo oposto de ver as pessoas como

indivíduos extremamente únicos, que são o produto quase exclusivo dos processos psicológicos internos" (L. STANLEY, citado em COFFEY, 1999, p. 132).

Argumentamos acima que as abordagens etnográficas e (auto)biográficas estão mais próximas do que é reconhecido com frequência. Em ambos os casos, somos confrontados com retórica, discurso, vida social, tradução cultural, identidade, relações interpessoais, gênero, voz, autoria, e assim por diante. Quando a etnografia é desenvolvida com um ponto de vista (auto)biográfico, questões de auto-revelação, confissão, subjetividade e experiência vivida vêm à tona (COFFEY, 1999, p. 157-161). "Autobiografia é a forma mais elevada e instrutiva na qual a compreensão da vida é confrontada" (DILTHEY citado em RICHARDSON, 1990, p. 23). Para revelar e restaurar o eu (COFFEY, 1999; KENYON e RANDALL, 1997), precisamos de mais subjetividade e engajamento por parte de pesquisadores e educadores. As abordagens da história de vida não são apenas uma metodologia alternativa ao experimentalismo, ao empirismo e ao funcionalismo. As abordagens da história de vida são uma epistemologia e até mesmo uma ontologia, que desafia a posição privilegiada assumida por pesquisadores, profissionais, voluntários e educadores. A perspectiva (auto)biográfica é um trabalho físico, emocional, intelectual e relacional, comprometido com a alteridade, a ética, a política e o crescimento pessoal. Por um lado, o self é um produto das condições e dos contextos em que opera. Por outro lado, o eu é construído e transmitido através das histórias que ele recebe, cria e compartilha. Esta dialética entre estrutura e agência permite estudos sobre o eu e a identidade das pessoas de origem imigrante que superam as limitações das abordagens tradicionalistas individualistas e essencialistas, que reificam e reduzem a riqueza e pluralidade das identidades dos imigrantes.

As metodologias biográfica e de história de vida combinam sessões de grupo, focadas no trabalho oral, com o trabalho autônomo dos participantes, que consiste em desenvolver a história de seu itinerário pessoal, social e cultural. Neste sentido, a autobiografia é uma ferramenta adequada para explorar as raízes profundas da identidade, da cultura e da aprendizagem ao longo da vida. Árvore genealógica, análise de grupos familiares, comentários sobre o ambiente local, linhas do tempo, o escudo pessoal e narrativas de aprendizagem intercultural são algumas das questões que são propostas como linhas de história para a autobiografia, tanto na forma oral como escrita.

As histórias e narrativas de vida preservam a espontaneidade, criatividade e liberdade inerentes a atividades de desenvolvimento pessoal e grupal profundas e experimentais, aquelas que permitem aos participantes avançar seu autoconhecimento e desenvolvimento. Neste sentido, a autobiografia tem um formato muito aberto e acreditamos que esta é uma razão importante para a riqueza e força desta atividade de treinamento. A autobiografia ajuda grupos migrantes e culturalmente diversos a explicitar seus modelos e paradigmas pessoais relacionados à cultura, conhecimento, representações, relações interpessoais e valores.

A pesquisa biográfica pode contribuir para o estudo das identidades fluidas, mutáveis e heterogêneas da modernidade tardia (BAUMAN, 2000). Para isso, as biografias devem ser vistas como histórica e socialmente moldadas e condicionadas. As transformações da identidade biográfica dependem dos recursos biográficos do indivíduo entrevistado, concebidos como experiências e conhecimentos acumulados ao longo do ciclo de vida. Desta forma, o pesquisador será mais capaz de gerar suas estratégias interpretativas e lidar com diferenças culturais e conflitos que possam surgir na história da vida. Ele dará mais atenção à relação entre "narrador" e "narrado", às diferentes oportunidades biográficas da história, às

condições em que o entrevistado se encontra no momento da história. A análise biográfica nos permite explorar os diferentes discursos do narrador, as estruturas de significado e os modelos de crença que o sujeito estabelece; estes discursos são culturalmente condicionados e levam à construção de uma identidade narrativa pessoal, mas enraizados em um contexto social e histórico particular.

A pesquisa biográfica e narrativa nos permite compreender a experiência da imigração de uma forma que não parece possível com outros métodos. Em primeiro lugar, o método biográfico nos permite coletar em primeira mão a experiência migratória dos migrantes, que realizam um trabalho contínuo de revisão de sua identidade e autoconhecimento sobre seu próprio processo de aculturação e integração na sociedade anfitriã.

Os imigrantes nos mostram como eles estão vivendo o processo de aculturação, que envolve um processo incessante de negociação consigo mesmos e com o meio ambiente, e como eles estão alcançando diferentes momentos de síntese e hibridização, entre os universos culturais de origem e de acolhimento. Suas histórias de vida nos envolvem nestes processos e nos permitem contribuir para a recriação e reconstrução da identidade através de narrativas biográficas. Os custos das negociações internas, o sentimento de lealdade para com a comunidade cultural de origem, a necessidade de integração e adaptação ao novo quadro de referência, são apenas alguns dos processos que as crianças de origem imigrante são forçadas a sofrer.

Outra das contribuições oferecidas pela pesquisa biográfica e narrativa no caso dos imigrantes é a capacidade de captar a temporalidade e a experiência de tempo que essas pessoas têm. A experiência do tempo pessoal está situada no contexto do tempo histórico e social. Como muitos autores descreveram (BERTAUX, 1997), no conhecimento biográfico, o

tempo biográfico-pessoal (a temporalidade como experiência subjetiva) está entrelaçado com o tempo histórico-social. Este último diz respeito a grandes grupos de pessoas e envolve mudanças decisivas na vida das pessoas (movimentos migratórios, catástrofes, guerras e eventos similares).

A perspectiva biográfica é centrada na pessoa, humaniza a pesquisa e lhe dá sentido, ancorando-a na experiência. Desta forma, adquire uma legitimidade completamente diferente da generalização ou racionalidade exigida por outros tipos de abordagens (BRUNER, 1991). É uma legitimidade que surge da experiência humana, derivada da vivência do fenômeno da imigração em um tempo e espaço específicos. E não há outras maneiras de saber tudo isso que possam corresponder à narração da experiência na primeira pessoa. Esta é uma das grandes riquezas e desafios da pesquisa biográfica e narrativa (LAINÉ, 1998). Esta contribuição é particularmente significativa nos estudos sobre movimentos migratórios e relações inter-étnicas, pois a pesquisa centrada nas pessoas torna visível as experiências humanas ocultas por trás de uma visão de imigração na qual prevalecem apenas dados quantitativos ou teorias políticas e sociológicas.

Outro elemento positivo do método biográfico nos contextos migratórios é o contexto intercultural que é gerado no intercâmbio que a própria pesquisa biográfico-narrativa promove e acompanha. A metodologia biográfica baseia-se em grande parte na entrevista biográfica, que tem as características de uma conversa entre duas pessoas (pesquisador e narrador), onde a horizontalidade e o intercâmbio entre iguais são essenciais para o desenvolvimento da metodologia. O pesquisador (que pode ser, ao mesmo tempo, um educador ou um assistente social) e o narrador têm diferentes estruturas culturais e universos simbólicos. Isto implica que as formas pelas quais os dois farão sentido da realidade podem não só ser diferentes, mas

também contraditórias. A troca comunicativa entre essas duas pessoas transforma o espaço metodológico em um espaço intercultural e existencial, pois a metodologia requer um posicionamento hermenêutico que aspira a entender o mundo do outro. A entrevista biográfica e a própria história de vida são um texto nascido da experiência intercultural, um espaço de mediação entre duas vidas comunicando-se cara a cara.

As narrativas biográficas dos imigrantes nos confrontam com suas próprias estruturas culturais (etnocentrismo) e exigem um exercício de distanciamento que favoreça o autoconhecimento. A conversa biográfica nos leva a este exercício de descentralização para ter acesso a uma compreensão do outro, e este exercício enriquece claramente os pesquisadores e leitores de narrativas biográficas interculturais. Através destas narrativas, um também ganha acesso ao universo de significado do outro. Este movimento hermenêutico intercultural é possível pelo método biográfico, tanto no processo metodológico como no produto que constitui o texto resultante (BRUNER, 1991).

O reconhecimento é um aspecto fundamental para a aplicação do método biográfico. A dimensão ética e política do método biográfico tem sido frequentemente destacada na perspectiva de "dar voz" a grupos e indivíduos que têm sido geralmente excluídos da história oficial. Neste sentido, a história oral e o método biográfico nos permitem escutar as histórias das minorias e dos grupos excluídos e silenciados.

Os migrantes vivem entre duas culturas, a cultura de origem e a cultura de acolhimento. Os projetos e itinerários migratórios podem ser analisados em termos da interação destas duas culturas, com todas as contradições, esperanças, riscos, medos e incertezas que derivam da concepção e realização da migração. O cruzamento de culturas complica um processo que não é fácil em si mesmo. A lealdade à cultura de origem, bem como a adaptação e integração

à cultura do país anfitrião, exigem que os migrantes estejam quase sempre envolvidos em um processo de negociação complicado e conflituoso.

Os resultados de nosso trabalho indicam que é necessário desenvolver práticas mais inovadoras na pesquisa e intervenção no campo social, para incentivar uma maior participação dos atores sociais nos processos de reflexão, análise de dados, avaliação de resultados, redação de relatórios e disseminação multimodal de contribuições e produtos, aproveitando a riqueza e pluralidade das ferramentas digitais atuais, impulsionadas pela pandemia da Covid-19.

Conclui-se que há necessidade de ampliar o público para pesquisas e intervenções qualitativas, criando textos mais abertos e democráticos. A popularização e democratização das ciências sociais parece ser uma coisa boa, e o campo da migração é um caso ideal para estilos de trabalho mais participativos e fortalecedores. Neste sentido, é essencial abrir-se a uma variedade de formatos de linguagem e de discurso, incluindo escrita subjetiva e implícita, oralidade, formatos multimodais, pintura, fotografia, vídeo, teatro, música, dança, teatro e outras artes. Desta forma, os formatos comunicativos são ampliados e diversificados, contribuindo para melhorar a visibilidade e a inclusão social das populações migrantes.

REFERÊNCIAS

- Atkinson, P. (1990). *The Ethnographic Imagination. Textual Constructions of Reality*. Routledge.
- Atkinson, P. (1992). *Understanding Ethnographic Texts*. Sage.
- Banister, P. (1994). Report Writing, in P. Banister et al. (1994), *Qualitative Methods in Psychology. A Research Guide* (pp. 160-179). Open University Press.
- Bauman, Z. (2000). *Liquid Modernity*. Polity Press.
- Bertaux, D. (1997). *Les récits de vie*. Nathan.

- Brady, I. (2000). Anthropological Poetics, in N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of Qualitative Research*, 2nd ed. (pp. 949-979). Sage.
- Bruner, J. (1991). *Actos de significado*. Alianza.
- Burman, E. (1994). Feminist Research, in P. Banister et al. (1994), *Qualitative Methods in Psychology. A Research Guide* (pp. 121-141). Open University Press.
- Clandinin, J. & Connelly, M. (2000). *Narrative Inquiry: Experience and Story in Qualitative Research*. Jossey-Bass.
- Clark, R. & Ivanic, R. (1997). *The Politics of Writing*. Routledge.
- Clifford, J. & Marcus, G.E. (Eds.) (1991). *Retóricas de la Antropología*. Júcar.
- Coffey, A. (1999). *The Ethnographic Self. Fieldwork and the Representation of Identity*. Sage.
- Denzin, N. K. (1989a): *The Research Act. A Theoretical Introduction to Sociological Methods* (3rd ed.). Prentice-Hall.
- Denzin, N.K. (1989b). *Interpretive Biography*. Sage.
- Dominicé, P. (2000). *Learning from our lives. Using Educational Biographies with Adults*. Jossey-Bass.
- Dybbroe, B. & Ollagnier, E. (Eds.) (2003). *Challenging Gender in Lifelong Learning: European Perspectives*. Adult Education Research Group, Roskilde University and ESREA.
- Ellis, C. & Bochner, A. P. (2000). Autoethnography, Personal Narrative, Reflexivity: Researcher as Subject, in N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of Qualitative Research*, 2nd ed. (pp. 733-768). Sage.
- Ely, M. (1991). *Doing Qualitative Research: Circles within Circles*. The Falmer Press.
- Freeman, M. (1993). *Rewriting the Self. History, Memory, Narrative*. Routledge.
- Geertz, C. (1989): *El antropólogo como autor*. Paidós.
- Goodley, D.; Lawthom, R.; Clough, P. & Moore, M. (2004). *Researching Life Stories. Method, Theory and Analyses in a Biographical Age*. Routledge/Falmer.
- Holliday, A. (2002). *Doing and Writing Qualitative Research*. Sage.
- Hammersley, M. & Atkinson, P. (1983): *Ethnography. Principles in Practice*. Routledge.
- Kenyon, G. M. & Randall, W. L. (1997). *Restorying our Lives. Personal Growth through Autobiographical Reflection*. Praeger.
- Lainé, A. (1998). *Faire de sa vie une histoire*. Desclée de Brouwer.

- Laplantine, F. (1996). *La description ethnographique*. Nathan.
- Marcus, G. E. & Cushman, D. E. (1996). Las etnografías como textos, in C. Geertz, J. Clifford y otros (1996), *El surgimiento de la Antropología Posmoderna* (pp. 171-213). Gedisa.
- Miles, M. B. & Huberman, A. M. (1994). *Qualitative Data Analysis: An Expanded Sourcebook*. Sage.
- Miller, N. & West, L. (2003). *The (auto)biographical 'we': Our Search for a Voice in Academic Writing. Paper presented at SCUTREA, 33rd Annual Conference*. University of Wales, Bangor. 1-3 July 2003.
- Neurath, O. (1932), Sociología en fisicalismo, in A.J. Ayer (Comp.) (1965), *El positivismo lógico* (pp. 287-322). Fondo de Cultura Económica.
- Olesen, V. L. (2000). Feminisms and Qualitative Research at and into the Millenium, in N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of Qualitative Research*, 2nd ed. (215-255). Sage.
- Plummer, K. (2001). *Documents of Life 2* (2nd ed.). Sage.
- Reinharz, S. (1992). *Feminist Methods in Social Research*. Oxford University Press.
- Richardson, L. (1990). *Writing Strategies*. Sage.
- Richardson, L. (2000). Writing. A Method of Inquiry, in N. K. Denzin & Y. Lincoln (Eds.) (2000), *Handbook of Qualitative Research* (2nd ed.) (pp. 923-948). Sage.
- Rubio Carracedo, J. (1984). *Positivismo, herméutica y teoría en las ciencias sociales*. Humanitas.
- Schwandt, Th. A. (2001). *Dictionary of Qualitative Research* (2nd ed.). Sage.
- Tedlock, B. (2000). Ethnography and Ethnographic Representation, in N. K. Denzin & Y. Lincoln (Eds.) (2000), *Handbook of Qualitative Research* (2nd ed.) (pp. 455-486). Sage.
- Tyler, S.A. (1996). Etnografía postmoderna: Desde el documento de lo oculto a lo oculto del documento, in C. Geertz, J. Clifford et al. (1996), *El surgimiento de la Antropología Posmoderna* (pp. 297-313). Gedisa.
- Usher, R.; Bryant, I. & Johnston, R. (1997). *Adult Education and the Postmodern Challenge. Learning beyond the Limits*. Routledge/Falmer.
- Van Manen, M. (1990). *Researching Lived Experience*. The Althouse Press.
- Wolcott, H. F. (1990). *Writing up Qualitative Research*. Sage.
- Yin, R. K. (1984). *Case Study Research*. Design and Method. Sage